



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO	26 julho	POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

VIERAM DE ABRANTES

A família Pintasilgo

Há mais de 60 anos, na Covilhã, Jerónimo Matos era um industrial de lanifícios que trabalhava no duro, na sua própria fábrica. Não era, no entanto, um industrial como os outros. Acompanhando o pulsar das máquinas, ou nos poucos momentos de descanso, o serrano cantava e assobiava belos trinados de poeta.

Um dia, «diz a lenda», começaram a chamar-lhe Jerónimo «O Pintasilgo», em homenagem espontânea de gentes simples às suas qualidades canoras. E a alcunha se fez nome, da velha fábrica, de uma loja de tecidos do filho do poeta, dos netos que o avô não chegou a conhecer, entre os quais Maria de Lourdes, primeiro-ministro de Portugal.

No Registo Civil da Covilhã, Jaime de Matos Pintasilgo, herdeiro, de profissão e de humor, do titular de tão agradáveis vocalizes, assistiu, já adulto, com um sorriso nos lábios, à transformação morfológica do último nome de família: pretendendo adquirir uma certidão de nascimento, após no documento, a funcionária, «Pintasilgo» só com um «esse». Assim ficou para a geração vindoura.

Chamado a cumprir o serviço militar, em Abrantes, aí conheceu Jaime de Matos Pintasilgo a futura esposa,



Maria de Lurdes e José Manuel Pintasilgo no dia em que Ramalho Eanes dirigiu à Primeiro-Ministro indigitada o convite formal para a chefia do Governo de Gestão. O sub-chefe de Redacção do «Tempo» felicita a irmã frente à objectiva de um repórter da Associated Press.

necas e muito à leitura. Lia romances de Charlotte Bronte e Pearl Buck, além de devorar as obras dos principais autores portugueses.»

Apesar das tendências intelectuais e literárias, Maria de Lurdes Pintasilgo, que conta, neste momento, 49 anos de idade, decidiu-se, com apenas 11 anos, por um curso de Ciências. A opção é ela própria que justifica ao «Tempo», de forma desasombrosa: «Desde muito nova considero que as Ciências, e em especial e engenharia, eram mais difíceis para as mulheres do que para os homens.»

O curso dos liceus acabou-o, com fama da melhor aluna, no Filipa de Lencastre, com 16 anos, após o que ingressou no Instituto Superior Técnico. Aos 22 anos era engenheira química, tendo sido, sempre, uma das «primeiras» do curso que finalizou com 18 valores.

Enquanto jovem estudante, os tempos livres de Lurdes Pintasilgo eram preenchidos com actividades da JECF (Juventude Escolar Católica Feminina) e da Mocidade Portuguesa Feminina, onde tirou um curso de culinária. Mais tarde, aluna universitária, foi presidente da JUCF (Juventude Universitária Católica Feminina) e como presidente desta

organização, interessada pelos assuntos estudantis, foi a empreendedora, em 1951, do primeiro Congresso de Estudantes em todo o país, ao lado de Adérito Sedas Nunes, um ano após a morte do pai.

DISCIPLINA MILITAR

O papel de chefe de família foi assegurado, no lar dos Pintasilgo, pelo tio materno, major do Exército, que acompanhou a senhora Amélia do Carmo e cuidou da educação dos sobrinhos. Este tio, coabitando a mesma casa, num velho prédio à praça do Chile, que a Câmara já fez destruir, influenciou sobremaneira a personalidade de Maria de Lurdes.

«A disciplina era rígida — diz-nos José Manuel Pintasilgo — e isso marcou-a tanto que num dos últimos conselhos de ministros presididos pelo general Spínola, este, irritado com os assuntos do Governo, elevou o tom de voz, tendo dado azo a que a minha irmã, numa intervenção sorridente, respondesse: «Senhor general, estou totalmente à vontade, pois vivi sempre entre militares e sei o que são os seus gritos...»

Soando a uma hora e as sete e meia da tarde, estivessem onde estivessem os irmãos Pintasilgo, havia

(Continua na pág. III)

O que é o «Graal»

O «Graal», de que a engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo faz parte desde 1957, é «uma associação de carácter social e cultural» — refere-se no artigo 1.º dos seus Estatutos. A Associação, formada exclusivamente por mulheres católicas que foram precursoras, em Portugal, das experiências de tipo comunitário, tem como objectivos:

«Proporcionar condições de valorização pessoal e educação permanente a mulheres de todas as condições sociais; estimular a contribuição das mulheres para a criação de novos modelos de vida em sociedade, tanto ao nível local como nacional e internacional; promover a compreensão e a solidariedade entre mulheres de diferentes nacionalidades, raças e culturas; suscitar a introdução de valores de ordem ética e transcendental nas tarefas de ordem técnica, social e cultural».



São sócios do «Graal» as pessoas que «decidem constituir esta Associação e outras pessoas do sexo feminino que se interessam pelos objectivos da Associação e que venham a ser admitidas em assembleia geral», comprometendo-se as

associadas a «cooperar, activamente, na prossecução dos objectivos da Associação, através do seu trabalho e de uma contribuição financeira».

São colaboradores do «Graal» «aqueles que, não sendo sócios, contribuem de qualquer forma para a realização dos fins da Associação», perdendo a qualidade de associadas «as pessoas que se afastarem dos fins estatutários ou não participarem devidamente na sua consecução».

Esta Associação, da qual fazem parte, além da actual Primeiro-Ministro, mulheres como Teresa Santa-Clara Gomes secretário de Estado da Cultura do III Governo Constitucional) e Manuela Silva (secretário de Estado do Plano do I Governo Constitucional), vive das quotas das associadas, de subsídios de entidades oficiais e particulares, nacionais e estrangeiras, e de outros contributos isolados.

Amélia do Carmo Ruivo da Silva. Esta senhora, pertencente a uma família de militares, era, igualmente, irmã de dois oficiais castrenses. O seu pai, José Ruivo da Silva, fora tenente - secretário da viscondessa do Tramagal.

Os dois irmãos de Amélia Pintasilgo chegaram a maiores mas foram obrigados a passar à reserva devido a uma lei do então ministro Santos Costa. Um deles acabou como comandante do Regimento de Infantaria de Abrantes e o outro como segundo comandante do Regimento Trem Hipo-Móvel, instalado em Lisboa, na Cova da Moura.

A família começava a deslocar-se, lentamente, para a capital. No entanto, foi ainda em Abrantes que o casal Pintasilgo contraiu matrimónio, corria o ano de 1929. Um ano depois, brota, naquela cidade, de uma família devotamente religiosa, o primeiro bebé, baptizado de Maria de Lurdes. Três anos depois, e três antes da mudança definitiva para Lisboa, nasce um rapaz, José Manuel, actualmente jornalista e subchefe de Redacção do «Tempo».

«POUCO DEDICADA ÀS BONECAS E MUITO À LEITURA»

É este nosso camara de profissão que nos diz de sua irmã: «Foi sempre uma criança pouco dedicada às bo-



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO	26 julho	POVO LIVRE	
O JORNAL		ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUGALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	

A família Pintasilgo

(Continuação da pág. 1)

um pingente de ouro que tinha de ser cumprida: eram horas do almoço e do jantar. Sentavam-se à mesa todos, ao mesmo tempo, e Maria de Lurdes era a única a benzer-se antes de comer.

Normalmente, encontravam-se em casa primos e primas dos irmãos e nessas alturas a casa transformava-se, no dizer de José Manuel, «numa espécie de pequena república juvenil regida pelo senhor major». Talvez pelo ambiente militarista que envolvia a família, o nosso actual camarada de Redacção, enquanto a irmã cultivava o espírito em doses intensas de leituras, brincava com soldadinhos de chumbo.

A ÂNSIA DE IR MAIS ALÉM

«Éramos totalmente independentes do outro — refere este jornalista —, mas muito amigos, delimitando sempre as discussões sobre política, pois, naturalmente, mesmo antes do 25 de Abril, estávamos sempre em pólos opostos.»

Um dia, com 30 anos de idade, já membro do «Graal», organização religiosa que reúne, no nosso país, centenas de raparigas e mulheres católicas, e com uma profissão segura, Maria de Lurdes deixou a casa da mãe e partiu à conquista do Mundo.

Acabado o curso de Engenharia tinha seguido uma actividade intensiva como investigadora, no Centro de Estudos e Projectos da CUF (primeiro centro de investigação da Indústria privada portuguesa), após o que transitara para a Junta de Energia Nuclear.

Coincidente com a saída do ambiente familiar, sem nunca deixar de prestar cuidados à mãe e ao tio, Lourdes Pintasilgo mudou de objectivos profissionais e abandonou a investigação na ânsia de ir mais além.

Foi então que empreendeu inúmeras viagens pelo Mundo, como dirigente, e depois como presidente, da «Pax Romana», movimento internacional dos estudantes católicos.

«SENSATA, EQUILIBRADA E CONSERVADORA»

Uma sua antiga colega e amiga, a engenheira Maria de Lourdes Matos, conta-nos, salientando a sua obediência a padrões morais rígidos, um episódio de uma das muitas deslocações ao estrangeiro, em grupos numerosos de raparigas do «Graal», da «Pax Romana» e da JUCF:

«Conheço-a de longa data, desde os tempos da Acção Católica, e considero-a uma pessoa muito sensata, equilibrada e conservadora. Por exemplo, aquando da realização de um congresso da «Pax Romana», em Nottingham (Inglaterra), estávamos — um grande grupo de raparigas e rapazes de vários países — a conversar numa sala do nosso albergue. Já era quase meia-noite quando chegou a Lourdes Pintasilgo e nos aconselhou a recolher aos nossos quartos para não darmos nas vistas e não sermos acusadas de levianas.»

Diz-nos também Maria de Lurdes Matos ser a actual primeiro-ministro uma mulher com quem sempre gostou de trabalhar, a nível da Acção Católica, «uma pessoa com que era agradável lidar, pela sua cultura e capacidade organizativas», sendo, ainda, da opinião que se trata de «uma mulher que dignifica Portugal e da qual é de esperar a condução do País para a sociedade em que aposta».

Expandindo o seu dinamismo por vários sectores da vida nacional, Lourdes Pintasilgo viu-se, em 1969 e até 1974, procuradora à Câmara Corporativa, tendo participado, entre esse período, na delegação de Portugal à Assembleia Geral da ONU. Durante a sua permanência na ONU estabeleceu íntimos contactos

com políticos de todo o Mundo e dedicou-se, sobretudo, ao tema da descolonização e auto-determinação dos povos, numa altura em que a guerra colonial fazia, cada vez, mais vítimas entre portugueses.

UM «CASO ABORRECIDO»

No dia 25 de Abril de 1974 Maria de Lourdes Pintasilgo encontrava-se em França, «a passar uns dias de reflexão», conforme nos declarou. Veio, imediatamente, para Lisboa e «alguém» se lembrou dela para secretário de Estado da Segurança Social, no I Governo Provisório.

Uma assistente social que com ela trabalhou nessa altura lembrou-nos que à então secretária de Estado se ficaram a dever a atribuição da pensão social para as pessoas com mais de 65 anos de idade e a instituição de 90 dias de descanso para as mães grávidas. No entanto, aquela técnica, da Direcção-Geral da Segurança Social, relata-nos um «caso» que considera «aborrecido» e do qual foi responsável Lourdes Pintasilgo, enquanto secretária de Estado do sector:

«Logo a seguir ao 25 de Abril, não consentiu que tomassem posse duas técnicas de serviço social, por terem sido nomeadas antes da Revolução. Mais tarde, provou-se que essa situação era ilegal, pelo que foram reintegradas.»

Diz-nos aquela assistente social que este facto pode ter sido justificado por «receio» de Lourdes Pintasilgo em ir contra o «fluxo» revolucionário de então, acrescentando que, «depois foi bastante aberta em reuniões que teve com técnicos, no Ministério dos Assuntos Sociais», e que «tem um trato muito simpático e acessível», sendo «muito inteligente e possuindo muita capacidade para o trabalho».

TODOS OS JORNALISTAS SÃO AMIGOS

Enquanto desempenhava as suas funções nos I, II e III Governos Provisórios, nos dois últimos como ministro dos Assuntos Sociais, a actual primeiro-ministro mantinha uma preocupação que o seu irmão afirma se ter sobreposto a todas as outras questões da sua vida:

«A mãe tinha tido um acidente cardiovascular e sobreviveu, durante três anos, devido aos seus cuidados, tendo falecido em 1976. Curiosamente, quando Maria de Lourdes Pintasilgo tinha algum problema a resolver, aconselhava-se com a mãe enferma, e, apesar desta ter perdido a voz, ambas se entendiam por gestos.»

José Manuel diz-nos que a irmã «é uma extrovertida». Realmente, se um jornalista com ela inicia uma conversa de «um minuto» é bem certo que assim ficará «uma hora», sendo extremamente simpática para com todos os profissionais da Informação, os quais considera amigos.

O interesse pela Comunicação Social veio do facto do irmão, desde muito jovem, ter enveredado pela carreira jornalística e com ela se ter dado sempre muito bem. Talvez por ser «introvertido» e totalmente diferente no campo ideológico...

«UM PORTUGUÊS DO SÉC. XVI SAUDOSO DO IMPÉRIO»

José Manuel Pintasilgo tem 45 anos de idade. Afirma-nos que «enganou» a família, dizendo que estava no Instituto Industrial, de onde tirou apenas os dois primeiros anos, «porque com 18 anos já estava como redactor da ANI, convidado pelo Dutra Faria».

«A família — refere o subchefe de Redacção do «Tempo» — soube do engano uns anos mais tarde e a minha advogada de defesa foi a Maria de Lourdes». José Manuel chegou, depois, a subchefe de Redacção da então Agência Nacional de Informação, após o que transitou para o «Diário Ilustrado», onde foi «íntimo colaborador» de José Manuel Tenggarrinha.

Seguiu-se uma passagem meteórica pelo Telejornal (nos primórdios da Televisão), a convite de Manuel Figueira e Manuel Múrias. «Depois fiz um jornal, o «Magazine», que foi dirigido pelo José Manuel Pereira da Costa, e passei para o «Diário da Manhã», onde fui de repórter a chefe - de - Redacção, com a idade de 30 anos.»

José Manuel Pintasilgo foi, ainda antes do 25 de Abril, chefe - de - Redacção da «Época», tendo-se especializado em assuntos económicos em numerosas viagens ao estrangeiro, onde acompanhou todas as reuniões interministeriais da EFTA e os primeiros contactos com o Mercado Comum.

Após a Revolução de Abril esteve quatro anos e dois meses desempregado, «período que foi mitigado com duas experiências editoriais, as revistas «Gazeta» e «Pessoas», além da passagem pelo semanário «A Ilustração» como chefe - de - Redacção». Antes de ingressar no «Tempo», há cerca de um mês, Pintasilgo esteve em França, «juntamente com «O País» durante um ano.

Maria de Lourdes continua a gostar muito do irmão e é com um certo humor que ela o define: «Um portu-

guês do século XVI saudoso do Império». Refira-se que José Manuel, conhecendo muito bem a irmã, nega que seja «melo-antunista» ou mesmo «marxista», conforme alguns sectores políticos a têm acusado.

A AMIZADE COM MELO ANTUNES

A amizade com o tenente-coronel Melo Antunes, tão glosada nos últimos dias em declarações dos seus «adversários», teve origem em acalorados diálogos que os dois mantinham, após os conselhos de ministros dos Governos Provisórios em que tomaram parte, procurando, cada um, defender as suas teses e modelos de sociedade. Da discussão entre duas pessoas civilizadas nasceu, então, uma amizade duradoura.

De resto, Maria de Lourdes Pintasilgo possui amizades por todo o Mundo. Tem um grande admirador no ex-Presidente do México, Echevarria, que é, como ela, membro, a título pessoal, do comité executivo da UNESCO, organização para a qual a primeiro-ministro foi eleita com os votos de 123 nações.

Conta-nos o seu irmão que em três dias, após a sua indigitação para a chefia do Governo de gestão, Maria de Lurdes recebeu em casa — um apartamento, perto do Campo de Santana, onde vive em comunidade com outros membros do «Graal» — centenas de telefonemas de várias origens, nomeadamente da sua colega ministro da Saúde de Itália, que é dirigente da Democracia Cristã. Por

outro lado, logo que chegou a Lisboa e depois do primeiro contacto, ainda informal, com Ramalho Eanes, pediu audiência e foi recebida pelo Cardeal Patriarca de Lisboa.

«base social de apoio». Sendo agora a pessoa mais importante do País, a primeiro-ministro garante que não vai alterar os seus salutares hábitos de vida.

ANTÓNIO DUARTE

UMA FAMÍLIA REDUZIDA A TRÊS PESSOAS

Actualmente, a família Pintasilgo está reduzida a três pessoas: Maria de Lourdes, José Manuel e Maria dos Prazeres, esposa do jornalista, com 39 anos de idade, natural de Viseu e filha de agricultores. Como este casal não tem filhos, esta é a última geração de uma árvore genealógica que se iniciou com um industrial e poeta e vai finalizar com uma primeiro-ministro, a primeira da História de Portugal. No entanto, para esta, a família irá continuar, a outra, que também sente, o «Graal».

Maria de Lourdes nunca pretendeu casar, embora dois ou três colegas lhe tivessem pedido namoro, enquanto jovem, e ela própria se tivesse interessado por um deles. O irmão justifica estes factos argumentando que «talvez a sua personalidade extremamente forte atemorizasse os homens que gostavam dela».

Simple e acessível a todas as pessoas, Lourdes Pintasilgo continua a ler muito. As férias passa-as, ou em Portugal, ou na Suíça, ou no Nordeste de França, de preferência em locais bucólicos, com amigas do «Graal». Sempre que é alvo de ataques — refere com humor —, telefona à cunhada que considera a sua